

# A HISTÓRIA E A IDENTIDADE NACIONAIS NO ROMANCEIRO DE ALMEIDA GARRETT

Sandra Boto

Instituto de Estudos de  
Literatura Tradicional  
(Universidade Nova de Lisboa) /  
Centro de Estudos Ataíde Oliveira  
(Universidade do Algarve) /  
Fundação para a Ciência e Tecnologia

Preende esta comunicação apresentar algumas breves considerações acerca do lugar ocupado pela História (da Literatura / da Poesia) como motor do projecto de publicação do *Romanceiro* de Almeida Garrett, pese embora esse papel não esteja tão claramente definido ao longo da parcela incompleta que foi, afinal, o *romanceiro* publicado. Recorre-se, assim, no sentido de ilustrar esta premissa inicial, a novos dados fornecidos pelos materiais inéditos recentemente descobertos da colecção garrettiana Futscher Pereira<sup>1</sup>.

## A IDENTIDADE NACIONAL

A identificação do programa romântico com a reabilitação do conceito de literatura nacional foi levada a sério por Garrett e foi ela o motor do célebre *slogan* "Nenhuma coisa pôde ser nacional se não é popular", incluído na p. XXII do *Romanceiro e Cancioneiro Geral* de 1843. Aqui se traçam, definitivamente – do ponto de vista meramente estético, é certo – as coordenadas que orientarão não só o projecto de publicação do *Romanceiro*, mas também uma boa fatia da obra garrettiana em geral. O nacionalismo literário executar-se-ia preferencialmente pela via de uma estética popular ou mesmo popularizante, se tal fosse necessário. E vale a pena atentar sobre a forma como isto se

---

1. Poderão consultar-se mais detalhes acerca deste acervo documental no estudo Sandra Boto, "Uma importante colecção de autógrafos garrettianos relativos ao *Romanceiro*: contributo para a sua história", *E.L.O.*, n.º 15 (no preto).

materializou (ou se foi materializando, tomando forma, mais precisamente) ao longo do processo de maturação pelo qual passou a edição do *Romanceiro* de Garrett.

### O PLANO EDITORIAL DEFINITIVO

A leitura dos quatro tomos que Almeida Garrett destina propositadamente à publicação de romances permite coligir algumas informações relevantes para se acompanhar as motivações que presidiram às publicações de 1828 (*Adozinda*), 1843 (*Romanceiro e Cancioneiro Geral*)<sup>2</sup> e 1851 (*Romanceiro*, II e III).

Garrett vai-nos, efectivamente, conduzindo com pistas que mais não são do que uma justificação para o seu trabalho com a poesia popular (mais do que necessária quando a matéria em causa era, em boa medida, comandar uma delicada revolução estética). Assim, em 1828, mais precisamente na carta "Ao Sr. Duarte Lessa", Garrett assume que

Comecei a arranjar e a vestir alguns [romances tradicionais] com que engracei mais: e para lhe dar uma amostra do modo por que o fiz<sup>3</sup>, aqui lhe copio um dos mais curiosos, ainda que não dos menos estropiados, e com elle o remoçado ou enfeitado por mim, o melhor que pude e sube sem alterar o fundo da historia e conservando, quanto era possivel, o tom e stylo de melancholia e sensibilidade que faz o principal e peculiar character d'estas peças antiquíssimas de nossa infância poetica<sup>4</sup>

O objectivo de *Adozinda* era, pois, o de exemplificar qual o procedimento a adoptar em relação à poesia popular de tradição oral, que, segundo a crença romântica, tinha chegado ao século XIX carregando um pesado fardo de destruição imposto pelas sucessivas gerações de "gente vulgar" que a tinha conservado nas suas tradições. Assim, e para que o método empregue no tratamento destes textos se pudesse visualizar com maior exactidão, Garrett oferece, lado a lado com o texto por ele "remoçado ou enfeitado", servindo-me de uma expressão do próprio, o seu original, aquele que circulava deturpado e em péssimas condições na boca do povo, neste caso, "Silvaninha".

Passada esta primeira fase mais didáctica do pensamento garrettiano sobre a poesia tradicional, observamos uma ligeira viragem na motivação que esteve na origem da publicação do *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, quinze anos volvidos, segundo interpretamos das palavras do editor-autor, que esclarece que "Resolvi, sob a nova denominação de *Romanceiro e Cancioneiro-Geral*, reunir todos os documentos que eu podesse

---

2. A reedição de 1853 do denominada simplesmente *Romanceiro*, I, em nada veio alterar o espírito da primeira edição de 1843.

3. Sublinhado meu.

4. *Adozinda. Romance*, Londres, Em casa de Boosey & Son; e de V. Salvá, 1828, pp. xxv-xxvi.

para a historia da nossa poesia popular [...]”<sup>5</sup> No final do texto introdutório à publicação adianta mesmo Garrett que

Os textos originaes d'estes, restituídos quanto é possível, os de muitos outros que appareceram menos imperfeitos na mesma excavação, muitíssimos que se têm achado em livros e papeis desprezados hoje, e em collecções Ms., estão promptos, classificados, annotados, e sahirão em seguimento d'este volume, apenas o permittam as difficuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa<sup>6</sup>.

Mas a verdade é que o poeta teria de aguardar mais oito anos para ver cumprida a sua promessa de publicação dos tais “textos originaes [...] restituídos quanto é possível”, de que falava em 1843. Foi este tempo suficiente para que o editor de romances ampliasse a sua colecção de poemas tradicionais e não tradicionais; tempo mais do que suficiente para que conhecesse novas publicações no estrangeiro dedicadas à matéria poética em causa e tempo suficiente, por último, para que, à luz de novos temas romancísticos, novas versões e novas influências exteriores, Garrett alterasse e actualizasse o seu plano de publicação para o *Romanceiro*.

Deste modo, já no *Romanceiro*, II, de 1851, Garrett introduz uma visão retrospectiva da obra publicada, o que sugere uma avaliação do trabalho realizado, ao mesmo tempo que pretende conferir unidade e sentido a uma publicação que poderia parecer, aos olhos do público, um pouco dispersa do ponto de vista do conteúdo, dispersão que só podia ser incrementada pela disseminação no tempo. Na realidade, oito anos tinham passado entre a saída do *Romanceiro e Cancioneiro Geral* e os dois tomos de 1851, intitulados agora, somente, *Romanceiro*. Mais: a alteração imprimida no título da obra só podia ser um sintoma de que alguma coisa havia, pelo menos, evoluído, na cabeça de Garrett. Vejamos como isto se materializa no seu discurso:

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a introduccão d'esta segunda e das que se lhe seguirem.

Alli dei a traduccion em lingua e stylo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os proprios textos<sup>7</sup> d'esses e de muitos outros romances<sup>8</sup>.

5. Sublinhado meu. [Introdução] in *Romanceiro e Cancioneiro Geral. Adozinda e Outros*, I, Lisboa, Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecim. Úteis, 1843, p. xx.

6. *Ibid.*, pp. xxii-xxiii.

7. Sublinhados meus.

8. “Introdução” in *Romanceiro*, II, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1851, p. ix.

Almeida Garrett, sentindo essa necessidade de conferir unidade entre a publicação de 1843 e as de 1851, relegou para o estatuto de introdução ao plano editorial o tomo dos anos 40; por outras palavras, os "próprios textos" sobrepõem-se, agora, no seu plano, uma vez que estaria já consolidada a tal viragem estética e que não restariam grandes dúvidas quanto à metodologia a empregar. Agora, mais relevante do que insistir neste aspecto era fornecer a matéria-prima poética. Mas Garrett não o fez de qualquer maneira, como uma observação cuidada dos próprios romances indica.

### UMA MUDANÇA DE PARADIGMA EDITORIAL

Mesmo se não dispuséssemos de nenhuma informação adicional sobre o projecto garrettiano de publicação do *Romanceiro*, seríamos conduzidos sem dificuldade, pelo que atrás foi debatido, à conclusão de que este terá passado necessariamente por algum tipo de actualização. E isto é válido simplesmente pela evidência de que, em 1828, começa Garrett por oferecer concomitantemente romances de recriação ou invenção próprias e suas fontes "tradicionais";<sup>9</sup> pela observação de que, em 1843, publica apenas romances por ele reconstruídos; ao passo que, em 1851, publica uma boa percentagem de textos que, na maior parte dos casos, evidenciam uma relação mais estreita e inequívoca com a tradição oral.

Deve salientar-se que é só em 1851, na "Introdução" ao *Romanceiro*, II, que nos é esquematizado um plano editorial para o *Romanceiro*. Por uma parte, dá este índice ao leitor a perspectiva global daquilo que é o plano da obra para o futuro. Por outra, passa em revisão à fracção já publicada. Consistia em:

Livro I. Romances da Renascença, imitações, reconstruções e estudos meus sôbre o antigo; [já dado à estampa em 1843]

Livro II. Romances cavalherescos antigos de aventuras, e que ou não teem referencia á historia, ou não a teem conhecida; [último da colecção a ser publicado em dois volumes]

Livro III. Lendas e prophcias;

Livro IV. Romances historicos compostos sôbre factos ou mythos da historia portuguesa e de outras;

Livro V. Romances varios, comprehendendo todos os que não são épicos ou narrativos<sup>10</sup>.

9. Não podemos deixar de aplicar aspas ao termo "tradicional" quando nos referimos a textos que passaram pela mão garrettiana, pois poderá provar-se que, de uma forma mais ou menos superficial (às vezes muito profunda, até) o mero facto de estes adquirirem forma impressa – e quase sempre mesmo os textos manuscritos já são exemplo disso – é garantia de que denotarão algum grau de intervenção autoral, que passa frequentemente pela criação de versões factícias e, no mínimo, pela regularização de versos, rimas ou erros.

10. *Romanceiro*, II, p. XLV.

Por que motivo não teria Garrett introduzido esta apresentação da sua obra logo no primeiro volume, o que seria lógico e desejável? Talvez porque ele próprio, nesta altura, não tivesse amadurecido o conceito da obra. Pelo menos assim parece. Este plano retoma, como dizia, o Livro I, dado à estampa em 1843, mas, nessa ocasião, com outro título: *Romanceiro e Cancioneiro Geral. Adozinda e Outros*. Só a reedição de 1853 é acolhida, na realidade, sob o título *Romanceiro* e ostenta o subtítulo proposto neste plano, *Romances da renascença*. Claramente, o *Romanceiro e Cancioneiro Geral* obedecia a um pressuposto de publicação entretanto gorado e, por isso, houve necessidade de o introduzir, *a posteriori*, no novo plano de 1851.

### SOB A INFLUÊNCIA ESPANHOLA

Muito havia a discorrer sobre as relações de Garrett com Espanha, o que extrapola em muito os limites desta comunicação. Creio, no entanto, que tem sido negligenciado pela crítica literária, não só no que respeita aos estudos sobre o romanceiro mas sobre a obra garrettiana em geral, que a edificação do programa estético-literário de Almeida Garrett não se deu apenas de olhos postos na Europa além-Pirinéus. Os manuscritos Futscher Pereira vieram mostrar que o domínio que Garrett detinha da bibliografia da literatura espanhola era abismal, o que se espelharia, por sua vez, embora de um modo menos espectacular, talvez, numa competição de contornos nacionalistas que a História dos dois países se encarrega por si só de justificar. Mas também ao nível das influências teóricas o domínio da bibliografia espanhola teve os seus reflexos no romanceiro.

Ficou recentemente demonstrado por Pere Ferré<sup>11</sup> que, quando o *Romanceiro* de 1851 sai dos prelos, já Garrett conhecia uma obra publicada em Espanha que se revelou fundamental, não só porque lhe deu a conhecer novos romances, como também o inspirou, segundo interpreto, no que respeita à lógica organizativa do plano apresentado na citada introdução de 1851: da responsabilidade de don Agustín Durán. Refiro-me, claro, ao *Romancero general o Colección de romances castellanos anteriores al siglo XVIII*, obra publicada em dois tomos em 1849 e 1851.

Valeu-se Ferré de uma nota apensa ao tema XIII, "Claralinda" onde Garrett se refere a esta obra nos seguintes termos:

N'esta última e esplendida collecção, que só agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as provas da presente obra, vem mais correcto o texto por um fragmento tirado do CACIONERO GENERAL de 1511<sup>12</sup>.

11. No estudo "Influências de Agustín Durán e Eugenio de Ochoa no Romanceiro de Almeida Garrett in María Rosa Álvarez Sellers, Cuadernos de Filología, Anejo XXXI. Literatura Portuguesa y Literatura Española, Valencia, Universitat de València, 1999, pp. 275-299.

12. *Romanceiro*, II, p. XLV.

Mostra também como, antes deste "achado bibliográfico" de 1851, não eram alheias a Almeida Garrett as influências de duas outras obras espanholas. Falo concretamente do *Tesoro de los romanceros y cancioneros españoles, históricos, caballerescos, moriscos y otros*, de Eugenio de Ochoa, publicada em 1838 e abundantemente citada pelo poeta português no *Romanceiro*, a qual terá conhecido em data próxima da sua publicação; refiro-me ainda ao *Romancero de romances caballerescos é históricos anteriores al siglo XVIII, que contiene los de Amor, los de la Tabla Redonda, los de Carlo Magno y los Doce Pares, los de Bernardo del Carpio, del Cid Campeador, de los Infantes de Lara*, dois volumes editados por Durán em 1832. Acrescente-se que o impacto destas duas últimas obras no *Romanceiro* de 1851 é absolutamente notório, pois

Se Scott, Bürger ou Percy lhe oferecem o modelo, Durán e Ochoa, principalmente, fornecem-lhe os paralelos textuais e algumas informações imprescindíveis para a construção dos estudos introdutórios de cada romance, bem como algumas informações avulsas incluídas nas suas notas.<sup>13</sup>

Mas não menos decisiva será, segundo creio, a influência do *Romancero general* de Durán, pese embora, a avaliar pela nota de Garrett que atrás se transcreveu, esta lhe tenha chegado já numa fase tardia do processo de publicação dos tomos de 1851.

Uma leitura atenta da parte final da "Introdução" do *Romanceiro* de Almeida Garrett indicia que o contacto com o *Romancero general* seria já efectivo no momento em que Garrett redige este texto. Na verdade, os ecos da obra espanhola são tão fortes que transparecem profunda e indubitavelmente no discurso garrettiano. Confrontemos a evidente intertextualidade entre dois fragmentos retirados das introduções de Garrett e de Durán:

Não pude seguir a ordem chronologica, como era tanto para desejar, na collocação d'estas antigas e preciosas reliquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural<sup>14</sup>.

Lê-se, por seu turno, no "Prólogo", do *Romancero general*:

Bien quisiera ordenar los romances por su antigüedad, pero es casi impracticable, puesto que en general se ignora la fecha de su composicion, y solo puede vaga-

13. Ferré, "Influências de Agustín Durán e Eugenio de Ochoa no *Romanceiro* de Almeida Garrett", p. 276.

14. Garrett, *Romanceiro*, II, p. XLIV.

mente conjeturarse observando su lenguaje, sus modismos y el carácter de sus narraciones<sup>15</sup>.

Prosegue Agustín Durán:

Un plan así concebido diera márgen á graves yerros, y excluiria la posibilidad de cualquiera otro método, que por su sencillez, ya que no por su erudicion, fuese claro y practicable. Em estas razones me he fundado para clasificar los romances por series de materias y asuntos, en vez de hacerlo sobre otros dados vagos é inciertos<sup>16</sup>.

A esta mesma classificação por "materias y asuntos" se refere Garrett, logo de seguida, na continuação do fragmento transcrito, apesar de não lhe notarmos, como se verá, um tom encomioso, mas bem pelo contrário, crítico:

Tampouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assumptos do Sr. Duran, que á força de systematica lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tam minuciosas que, por muitas demais, confundem em lugar de elucidarem<sup>17</sup>.

Para além de uma transcrição que raia quase o plágio, a classificação por assuntos que Garrett critica não é a do romanceiro de Durán de 1832, mas a da grande compilação deste erudito espanhol.

Contudo, apesar da crítica que Garrett tece à organização do *Romancero general* de Durán de 1849-1851, torna-se evidente como a estrutura da obra do poeta português reflecte uma situação de compromisso adaptada à realidade do romanceiro português entre a proposta de organização das compilações de romances de Eugenio de Ochoa e de Agustín Durán, que Garrett assume não "adoptar inteiramente" e que, por defeito, inferimos adoptar em boa medida. Não nos enganamos.

Se a classificação dos romances espanhóis levada a cabo por Durán nos seus dois grandes tomos, particularizando em múltiplas pequenas secções grandes etiquetas temáticas<sup>18</sup> obriga a que se conceda razão à crítica levantada por Garrett que apontava o dedo à complexidade do organigrama desenhado, já o esquema organizativo do *Tesoro*

15. Agustín Durán, *Romancero de romances caballerescos é históricos anteriores al siglo XVIII, que contiene los de Amor, los de la Tabla Redonda, los de Carlo Magno y los Doce Pares, los de Bernardo del Carpio, del Cid Campeador, de los Infantes de Lara &c.*, Madrid, Imprenta de Don Eusebio Aguado, 1832, tomo primero, p. V [cito pela edição facsimilada da "Biblioteca de autores españoles", tomo X, Madrid, Atlas, 1945].

16. *Ibid.* Sublinhado meu.

17. Garrett, *ibid.* Sublinhado meu.

18. No tomo I: a dos "Romances moriscos", a dos "Romances caballerescos" (que interessou particularmente a Garrett, em 1851, como se vê pelo seu plano), a dos "Romances históricos". No tomo II: a continuação dos "Romances históricos", a do "Romancero de romances vulgares que cantan los ciegos" e, por último, a do "Romancero de romances varios".

de los romanceros y cancioneros españoles de Ochoa obedece a um espírito bem distinto. Em primeiro lugar, pela ambição mais modesta mas não menos nobre da obra, ou seja, a de oferecer, "reunido en un solo volúmen y en una edicion compacta, lo mas selecto de la verdadera poesía nacional española"<sup>19</sup>. Ochoa vale-se, portanto, de uma organização bem mais simples e abrangente, sem pretensões de grande problematização classificativa<sup>20</sup>.

É importante aduzir que Almeida Garrett não esboçou, à primeira tentativa, o plano da sua publicação, pelo contrário,

Depois de muitas e variadas combinações que sucessivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do Sr. Durán, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Contudo, também nesse plano as marcas da proposta de organização do *Tesoro de los romanceros* de Ochoa se fazem sentir. De Durán toma Garrett a separação entre romances históricos e cavaleirescos, relegando os primeiros (dedicados em exclusivo à História de Portugal no projecto do português, facto de uma riqueza significativa a não descurar) para um livro à parte. Recusou Garrett a incorporação de uma secção temática dedicada ao romanceiro vulgar como a que propõe Durán, mas adopta a secção, dentro deste apartado, das lendas. De Ochoa, recusa Garrett a secção dedicada à poesia lírica, projecto que, se era uma realidade para o romântico português em 1843, claramente havia já sido abandonado em 1851. Aos dois editores espanhóis vai o plano de Garrett beber a secção dos "Romances Vários", uma *varia*, como o nome indica, onde têm lugar todos os textos que não encaixam nos separadores anteriores. Recordo que este plano editorial, como sabemos, nunca foi concluído, devido ao desaparecimento do seu mentor. A ter-se fechado a publicação da obra como previa Garrett, certamente disporíamos hoje de mais informação sobre as influências dos projectos editoriais espanhóis sobre o de Almeida Garrett.

#### O PAPEL DE ESPANHA NO ROMANCEIRO À LUZ DOS "NOVOS" MANUSCRITOS

Não obstante, os manuscritos da Colecção Futscher Pereira, que contêm materiais preparatórios para a prossecução deste plano garrettiano, permitem aprofundar algumas questões relativas ao plano editorial traçado em 1851. Sabemos, por exemplo, pelos materiais aqui contidos, que os Livros III (Lendas e Profecias) e IV (Romances Históricos) se encontravam em vias de estruturação; que, para o livro dedicado aos

19. Eugenio de Ochoa, *Tesoro de los romanceros y cancioneros españoles, históricos, caballescros, moriscos y otros*, Paris, En la librería Europea de Baudry, 1838, p. I.

20. Don Eugenio distribui os textos pela obra de acordo com os seguintes separadores: "Romances caballescros é históricos", "Coplas y canciones de arte menor", "Romances moriscos" y "Romances varios de diferentes géneros".

romances históricos portugueses – secção à qual já Durán dedicava um estatuto independente – muitos dos textos foram bebidos, curiosamente e por falta de outras fontes, em obras espanholas ou em espanhol e alvo de uma quase constante versão para a língua portuguesa; que os romances que versam temas que tocam o período da monarquia dual são expostos de acordo com a perspectiva portuguesa. Por outro lado, (e isto ultrapassa o plano impresso em 1851), sabemos, através desta colecção manuscrita, que Almeida Garrett preparava uma secção de romances mouriscos, à luz das práticas dos congéneres espanhóis, facto que não tinha ficado claro no citado plano exposto no *Romanceiro*, II, em 1851. Também observamos, a partir da análise destes materiais, como Garrett preparava uma secção de romances jocosos e burlescos, certamente glosando a secção de “Romances vulgares, satíricos, jocosos y burlescos” do *Romancero general* de don Agustín Durán.

#### ENTRE UM ROMANCEIRO HISTORICAMENTE ORIENTADO E UM PLANO TEMÁTICO DE EDIÇÃO

Garrett, na “Introdução” ao *Romanceiro*, II, justifica (plagiando as palavras de Agustín Durán) que abandonou a “ordem chronologica” devido à incapacidade para dar textos que, pela sua natureza tradicional, vêm diluída ou mesmo impossibilitada qualquer informação sobre o seu contexto de criação que não seja, nas palavras de Garrett (e Durán), mera conjectura. Para além de que notamos, neste discurso, uma refinada consciência das características intrínsecas aos géneros literários de tradição oral, extraímos, para o tema em discussão, um dado relevante. Interpretando a “ordem chronologica” referida como um possível sistema de organização editorial, facilmente se concluirá o seguinte: que, previamente ao anunciado projecto do *Romanceiro* estruturado à luz dos mais recentes trabalhos realizados em Espanha, segundo expõe Garrett publicamente em 1851, acalentava o editor português um outro plano editorial.

Em abono desta suspeita encontramos novos elementos contidos desta feita nalguns manuscritos autógrafos inéditos pertencentes à Colecção Futscher Pereira. Trata-se de apontamentos em prosa saídos da pena de Garrett que formam, maioritariamente, um conjunto textual, mas também algumas nótulas esparsas que figuram em papéis dos quais Garrett se serviu, para inscrever romances ou outros textos em papel aproveitado que continha já marcas de uma utilização anterior e que serão de uma utilidade extrema para aprofundar o estudo em causa.

Da [“Bibliografia e outras notas”], título que atribuí ao conjunto de apontamentos dedicados à planificação do *Romanceiro*, contam-se os seguintes materiais autógrafos inéditos:

a) *Livros e codices que se consultaram / para o Romanceiro* (9 páginas manuscritas) com uma relação de autores e obras, composta provavelmente entre 1841 – data da obra mais recente aí incluída – e 1851, data em que Garrett terá conhecido o

*Cancionero general de A. Durán*, que se encontra ausente da lista; por seu turno, aparecem, neste documento, tanto o *Romancero [...]* de Durán de 1832 como o *Tesoro de los romanceros [...]* de Ochoa de 1838.

b) [Notas de Garrett sobre cancioneros]<sup>21</sup> (1 página)

c) [Temas da História para romances]<sup>22</sup>; 1 bifólio (com temas da história antiga de Portugal – Lusitanos, Romanos, Visigodos, etc. –, com sugestões de temas para um futuro trabalho poético).

d) [Folha com temas de romances de Rodrigues Lobo e respectivo *incipit*]<sup>23</sup>. Lista bibliográfica de romances em português e maioritariamente em castelhano sobre a história de Portugal, mouriscos, etc., anotando-se a localização na obra de proveniência.

e) [Lista de obras de onde se podem extrair romances]<sup>24</sup>; 2 bifólios com referência a alguns autores e obras onde se encontram composições de interesse para o projecto do *Romanceiro* (exs. Francisco Manuel de Mello; José de Souza, o cego; Frei Pinto Brandão; *Primavera y flor de los mejores romances (Lisboa, 1626)*; *Cancionero General de Antuérpia (1557 e 1573)*; *Romancero General* de 1602. Com a indicação das páginas e alguns comentários marginais.

Listamos ainda três outros importantes documentos autógrafos para o entendimento do pensamento garrettiano sobre as relações entre uma antologia poética e o traçado de uma História Literária Portuguesa. São eles:

f) “Plano de um Romanceiro / e Cancioneiro geral Português / para colligir as reliquias da poesia popular” (2 fólios e 1 bifólio – 7 páginas), onde Garrett esboça um projecto relativo à estruturação de uma publicação cronologicamente orientada de acordo com as 7 fases em que divide a História da Poesia Portuguesa. Inclui algumas anotações sobre o género poético romance.

g) Lista de duas páginas (em fólios independentes) com um esboço de organização cronológica dos romances. Certamente é anterior a 1842, pois Garrett serve-se do seu verso para a redacção da “Introdução” ao *Romanceiro* de 1843 (datada de 1842).

h) Bifólio onde se encontra fixada a transcrição do romance vicentino “Os padres no limbo”, que contém também um rascunho do romance igualmente da autoria de Gil Vicente “Barca dos Anjos”, acompanhado da respectiva referência bibliográfica,

21. Título meu.

22. *Id.*

23. *Id.*

24. *Id.*

onde Garrett aproveita para registar o *incipit* de outros romances vicentinos para uso pessoal.

### O PLANO DE UM ROMANCEIRO [...]. DOCUMENTO PARA A HISTÓRIA DA POESIA EM PORTUGAL

Na verdade, creio não errar se me atrever a balizar estes documentos na década de quarenta do século XIX, altura em que o autor mais se esforçou por construir os alicerces da sua publicação dedicada à poesia popular em torno de um eixo historicista, quadro teórico que poderíamos comprovar juntando alguns dados contidos noutros lugares, nomeadamente no *Cancioneiro de romances, xacaras, soláos* [...], estudo que levarei a cabo noutro lugar para não me exceder demasiado nesta comunicação.

Atrever-me-ia, inclusivamente, pela insistência, nalguns destes documentos, na formulação de uma organização da História através da Poesia (ou da Poesia através da História?), visível sobretudo no "Plano de um Romanceiro e Cancioneiro geral [...]", a situá-los em data circundante à da publicação do *Romanceiro e Cancioneiro Geral* de 1843, ou nos anos imediatamente seguintes. E gostaria de insistir neste ponto atendendo justamente na confluência que este livro estabelece com o citado manuscrito *Plano de um Romanceiro / e Cancioneiro geral Portuguez* [...], texto inédito que creio merecer ser dado a conhecer pelo contributo que dá para o conhecimento do projecto histórico-antológico da poesia portuguesa. Trata-se de uma apresentação, dir-se-ia que ao correr da pena, de um plano de publicação constituído por uma brevíssima introdução à qual se seguem anotações sobre o conteúdo de cada "livro" projectado. E não obstante a não concretização deste plano, como atrás se disse, não deixamos de reconhecer ecos fortíssimos dele no breve panorama da História da Literatura que Garrett inclui primeiro em "Da poesia popular em Portugal"<sup>25</sup>, em 1846 e, posteriormente, na "Introdução" ao *Romanceiro*, II. Aliás, temos diante um guião para a redacção desses textos (no fundo, trata-se de um só texto, pois o de 1851 tem a sua génese no de 1846).

O carácter heterogéneo e aparentemente ligeiro destas nótulas, bem como a ausência de um fio narrativo, confirmam que estamos perante um rascunho de trabalho sem pretensões directas de publicação, mas que possui a mais-valia de desnudar o pensamento de Almeida Garrett no que respeita a um tema particularmente sensível como o da ausência de um projecto de História Literária, relembrando aqui as injustas acusações tecidas por Teófilo Braga à intervenção romântica em torno da literatura portuguesa.

25. "Da poesia popular em Portugal", *Revista Universal Lisbonense*, V, 1846, pp. 439-441, 450-452, 460-462, 473-475 e 483-485.

#### ANEXO:

Por considerar de interesse para os estudos garrettianos, apresento em anexo a estas reflexões uma fixação do mencionado manuscrito autógrafo, sublinhando que a ausência de uma narrativa é proporcional, nestas notas, à intimidade de pensamento que delas emana. Com a apresentação deste texto terminaria, pois, esta minha intervenção, na convicção de que os comentários atrás tecidos acerca da planificação de uma antologia da poesia lírica e narrativa portuguesa historicamente orientada, em inícios da década de 40, em pleno Romantismo, portanto, se tornarão mais transparentes através da observação deste texto de Almeida Garrett.

Estabelecimento do texto:<sup>26</sup>

*Plano de um Romanceiro / e Cancioneiro geral Portuguez / para colligir as reliquias da poesia popular*

*Julga-se poder demonstrar que a poesia / original e primitiva portugueza passou por / sette phases differentes – cujas transições / e duração constituem sette epochas / naturaes, e em outros tantos livros se / dividiu portanto a collecção e os seus / ligames historicos e criticos. Pelo / modo seguinte<sup>27</sup>.*

26. Descrito na alínea f). Devo agradecer publicamente à Dr.ª Vera Futscher Pereira a permissão para proceder à divulgação deste manuscrito nesta edição.

#### CRITÉRIOS DE EDIÇÃO:

Proponho uma fixação diplomática deste texto, acompanhando-o de algumas anotações que considero oportunas para que se releve o seu verdadeiro alcance. Tratando-se de um testemunho único, não levanta, do ponto de vista da edição, graves problemas de fixação. Decidi não actualizar a grafia nem a pontuação, intervindo apenas nos lugares onde as faltas eram evidentes. Decidi, regra geral, desenvolver as abreviaturas mesmo sem sinalizar essa operação. Mantive-as apenas em situações específicas justificadas pontualmente. Por serem muito correntes na escrita garrettiana, principalmente quando se trata de um estádio textual não definitivo ou para uso privado, como sucede neste caso concreto, os desenvolvimentos tolheriam a cada passo a fluidez de um texto que, já por si, é bastante entrecortado. Acrescente-se que, no caso de um escritor do século XIX como Garrett, a abreviatura já não é uma marca que permite situar o texto na História, mas apenas uma marca pessoal. Mantenho o sistema de maiusculação e minusculação do original.

#### CHAVE DE SÍMBOLOS:

- / – final de linha no ms.
- // – final de página no ms.
- [] – comentário / acréscimo meu
- <> – segmento riscado no ms.
- <>/\ – substituição por superposição
- <T> – riscado autógrafo ilegível
- /\*/ – leitura conjecturada
- [←] – acréscimo na margem esquerda
- [↑] – acréscimo na entrelinha superior

27. Reveste-se esta introdução de uma importância capital porque define as linhas de um plano de edição cronológico para a poesia popular portuguesa, o qual, nesta altura, ainda abarca o mega-projecto gorado das poesias lírica e narrativa, do qual o seu *Romanceiro e Cancioneiro Geral* de 1843 é a primeira realização, porque marca a "renascença" da poesia popular pelo Romantismo.

*Livro I. Desde os Turdetanos, as gentes que habitam este / solo tem historias e leis em versos populares. / Documentos de historiadores e poetas latinos. – os godos / trariam algum espírito das sagas – alguma / coisa do que deu os elementos para o Niebelungen? / – o que são sagas – e o Niebelungen. – Exemplos / traduzidos. – Historias nossas da caroxinha / que são verdadeiras sagas. – Este genero devia / \*saber/ / aos moiros e modificou-se talvez, entre os musa- / rabes, <debaixo> com a influencia dos cantares / moiriscos. – Trovas dos Figueiredos – Portugal restaura-se em parte – tem litteratura / em comum com os gallegos. D.<sup>28</sup> Affonso sabio / / exemplos de versos d'elle. – Egas moniz – Ouroana / Goesto Ansur – o que diz Antonio Ribeiro dos Sanctos e versus elle<sup>29</sup> João Pedro Ribeiro. – Romanceiros / castelhanos. – Alguma coisa do que anda na / tradição oral será d'este tempo? – Colloque / n' este livro o que parecer: mas pouco será<sup>30</sup>. //*

*Livro II. D. Diniz – Veja Sanches<sup>31</sup> e a carta do / marquez de Santilhana. Prevalece o genero / dos trovadores provençaes. Cancioneiro do Cole[gi]o / dos Nobres – o romance ou poesia popular / narrativa faz-se mais castelhano – a / canção mais lyrica mais portugueza e / gallega – quasi a divisão da langue d'oce / e langue d'oeil<sup>32</sup>. – Alguma influencia teriam / comtudo / \*parca/ os troveiros – echo dos / minesingers – exemplos de todos tres. / – romances conservados por tradição oral que / podem suspeitar-se de ter nascido / n' esta epocha. Supponho-o terminado / em D. Pedro com<sup>33</sup>. – D. Ignez de castro / versos de D. Pedro. – Romanceiro castelhano / – Já ha*

28. Mantenho sempre a abreviatura da forma de tratamento presente no original, por ser uma prática de uso reconhecido e generalizado no domínio da escrita em português.

29. Expressão sublinhada, no ms.

30. Garrett acredita que a poesia popular portuguesa tem início em época extremamente recuada e, por conseguinte, que alguns dos textos que circulam na tradição oral poderão remontar a este tempo. Assim, a credibilidade dos poemas apócrifos (Trovas dos Figueiredos, Egas Moniz, Gonçalo Hermiguez e Ouroana, Goesto Ansur) são pedras angulares desta teoria, que sabemos que Garrett perfilhou durante os anos 40, apesar de manifestar, abertamente, que conhece a polémica mantida entre António Ribeiro dos Santos e João Pedro Ribeiro a respeito da veracidade destes textos.

31. Garrett refere-se, com forte probabilidade, a Tomás Antonio Sánchez (1723-1802), medievalista e editor espanhol responsável pela primeira edição do *Cantar de mio Cid*, que publicou uma *Colección de poesias castellanas anteriores al siglo XV*. Justamente no tomo I desta obra, em 1779, a preceder a edição do *Poema del Cid*, divulga umas "Noticias para la vida del primer marqués de Santillana", bem como a famosa Carta do Marquês de Santillana ao Condestável de Portugal.

32. Justifica, aqui, a separação entre as literaturas ibéricas, pela via da acomodação dos géneros às línguas emergentes: a galego-portuguesa especializar-se-ia na lírica, patente nos cancioneiros medievais galego-portugueses, e a espanhola na poesia narrativa, de que o romanceiro é a face mais visível.

33. Falta, claramente, texto.

que colligir para o fim d'esta epocha do Cancioneiro de Rezende. – Veja também os / Ms. de Alcobaça<sup>34</sup>. – Alguma legenda talvez /

Livro III Começa a 4.<sup>a</sup> epocha em D. Fernando e / introdução do gôsto normando ou inglez / Reacção da poesia narrativa – romances / em prosa. A tavola redonda. Amadiz – / e Palmeirim d' Inglaterra. – O Condestável / e seu amor pelos romances inglezes – / Romances inglezes em verso – ballads – Cancioneiro / de / Rezende – Muitos romances d' esta epocha / na tradição oral. – D. João 2.<sup>o</sup> e romances / de seu tempo – Termina a epocha em / Bernardim Ribeiro – Gil Vicente etc. que já fazem / a transição para a 4.<sup>a</sup> epocha<sup>35</sup>. – As / chronicas em vulgar matam e depois re/suscitam o romance historico<sup>37</sup>.

Southey<sup>38</sup> //

Livro IV. Gil vicente e Bernardim Ribeiro fecham a / 3.<sup>a</sup> e começam a 4.<sup>a</sup> epocha. D. Manuel / Carlos Magno e o arcebispo Turpin ganham / [Lucta / com / Arthur] proeminencia sobre Arthur e a Tavola-redonda / – Romancistas italianos – Bernardo Tasso – / Ariosto. – Roberto do Diabo – Garcia de / Rezende por si e pela sua collecção – Reacção / do romance já castelhano<sup>39</sup> mais formulado / sobre a nossa litteratura popular – Lucta / com os aperfeiçoamentos clássicos – / Sa<sup>40</sup> de Miranda ainda / romântico – Ferreira opposto – Camões traduz / para as Formas clássicas alguns romances populares / – os 12 d' Inglaterra provavelmente o foram. / [Romances / em prosa / impresos / ca] Porque não Ignez de Castro? – Muitos romances / dos que

34. Códices que passaram a incorporar, durante a década de 30 do século XIX, a coleção da Real Biblioteca, após a extinção das Ordens Monásticas pelos liberais. Garrett passaria então a ter acesso privilegiado a documentação reservada deste acervo quando o amigo Alexandre Herculano ocupa, a partir de 1839, o cargo de bibliotecário da Real Biblioteca da Ajuda.
35. Garrett querera antes dizer 3.<sup>a</sup>? Assim creio (veja-se a "Introdução" in *Romanceiro*, II, p. XXXI).
36. Há claramente um contra-senso relativamente ao descrito imediatamente antes, quando Garrett afirma que a quarta época tem início ainda no reinado de D. Fernando. Trata-se, efectivamente, de uma distração do autor, se pensarmos que no início afirma que os sete livros da poesia popular correspondem às sete épocas "naturais" e que à transição para o quarto livro deverá necessariamente corresponder a transição para a quarta época.
37. Refere-se ao chamado romanceiro erudito que versifica passagens das crónicas.
38. Referência solta (como um lembrete) ao nome de Robert Southey (historiador, escritor e poeta britânico) que publicou, em 1807, o *Palmeirim de Inglaterra*, motivo pelo qual Garrett deve ter inserido este nome neste lugar das suas notas.
39. Retoma Garrett a ideia de que o romanceiro se acimatou à língua castelhana e que nesta altura (século XVI) o processo estaria já consumado. A poesia narrativa continua, apesar desta castelhanização, a guardar fidelidade às suas origens populares ancestrais e genuínas comuns aos povos ibéricos. Cabe assinalar, contudo, que os poemas apócrifos em português cumprem a útil missão, neste sistema nacionalista de organização da História da Poesia, de darem a conhecer documentos da mais primitiva e recuada literatura em língua portuguesa face a Castela.
40. Inicia a meio da linha.

oralmente nos tem chegado são / d' este tempo. – Quaes? – Inquisição / destroi os romances populares, busca / substituir as legendas e mysterios. / – Diz-me o Costa e Sá<sup>41</sup> que tem documentos d' isto / e collecções de cantares ao divino que para / asse fim se publicaram. – Lendas oral-/mente conservadas que são d'esse tempo. / – O idílio e genero pastoril invade o romance / e lhe da cor de vilancete. – O romance / também se faz chulo. – e composição de sociedade. – D. Sebastião – aquella grande / calamidade dá tom ao genero plangente do romance historico e aventureoso. / – Exemplos de tudo isto. //

Livro V – /\*Usurpação/ de Castella – influencia / mais forte da sua poesia – os castelhanos / lançam-se com paixão no genero /\*moirisco/. / imitamo-los: traduções e imitações portu-/guezas – Roiz Lobo – D. Francisco Manuel / de Mello – Triumpho do pastoril no / romance – Turbantes de moiros e currães de / pastores<sup>42</sup>. – O padecer e as esperanças do / povo criam um novo genero popular / as prophcias – Bandarra – pretinho / do Japão<sup>43</sup> etc. Os [↑ romances] de tradição oral / que serão d'este tempo. – Lenda da / Sancta Genoveva foi arranjada n' este tempo<sup>44</sup>? / Pelo stylo foi; pelo genero não: é / da 3.<sup>a</sup> epocha. – O romance faceto e / de sociedade Phenix renascida //

41. Em principio, Garrett refere-se a Manuel José Maria da Costa e Sá (1791-1843), contemporâneo seu e certamente pertencente à sua esfera de relações, segundo faz supor a biografia deste homem. Costa e Sá foi distinguido com comendas de várias ordens e foi, deputado da Junta do Comércio e cronista das províncias ultramarinas; foi encarregado de escrever, em 1842, a História da Monarquia Portuguesa dos Últimos Períodos Decorridos. Esteve ligado à Academia Real das Ciências de Lisboa, onde chegou, em 1838, a Director da Classe de Ciências Morais e Belas-Letras. Foi membro do Conservatório Dramático em 1838, de que, como se sabe, Garrett foi o fundador. Autor de uma extensa e polígrafa obra edita e inédita, crê-se que concebera o plano de preparação de um suplemento e correcção à *Biblioteca Lusitana* de Barbosa. Cf. para mais detalhes, Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo VI, 1862, pp. 27-30 [consultei a reedição facsimilada de Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1973]. O uso do Presente do Indicativo em "Diz-me o Costa e Sá", assumindo que Garrett se refere, de facto, a Manuel da Costa e Sá (falecido em 1843), sugere que este texto será necessariamente anterior à morte do nomeado, ou seja, anterior a 1843.

42. Esta graciosa imagem de Garrett dá conta na perfeição do desenvolvimento temático que teve o romanceiro novo entre finais do século XVI e o século XVII, que cedeu um lugar de destaque às descrições do "outro" exótico, acompanhando igualmente a moda literária transversal à literatura em prosa e verso que foi o género pastoril. Na Coleção garrettiana Futscher Pereira podemos observar casos de romances tomados da pena de D. Francisco Manuel de Mello sobre a temática mourisca que Garrett verte para português, bem como um romance da autoria de Rodrigues Lobo e ainda uma lista de *incipits* de romances extraídos da obra deste poeta.

43. As trovas do pretinho do Japão constituem um folheto poético na linha da temática sebastianista. Em 1821 regista-se uma edição intitulada *O Último Desengano dos Sebastianistas Dado e Recebido nas Trovas do Pretinho do Japão* (Lisboa, Off. de António Rodrigues Galhardo), que Almeida Garrett provavelmente conhecia.

44. Constam, na Coleção Futscher Pereira, duas redacções autografadas do "Romance de Santa Genoveva".

*Livro VI. – Reacção contra o poder de Castella / reviu o romance historico para celebrar / as nossas victorias<sup>45</sup>, mas veiu tam / amaneirado e cortesão que já não tem / quasi dignidade<sup>46</sup>. – O mesmo romance pas-/toril se desfigurou – Gongora. – Mais / prophecias e o Padre Antonio vieira. – Academias de exquisitos nomes – Romance / de D. Catherina rainha de Inglaterra<sup>47</sup> / – Violante do ceo. – romances chulos / aos castelhanos.*

*<†> /Cantiga<sup>48</sup> do frade e da freira / francezes dos migrados de Luiz 16 / no registo de monte mor<sup>49</sup>*

*Livro VII. Ultima phase – as pretensões do / romance hendecasyllabo<sup>50</sup> – Sempre vai / vivendo o genero popular. Cantigas da freira, do frade<sup>51</sup> – arraias, festas – / – Revive mais o genero popular em / cantares patrióticos contra os francezes. – Sebastianistas – Mais prophecias. Está quasi destruida toda a / \*nacionalidade/ / na poesia, quando vem a renascença / e imitação do romance antigo dos / nossos dias<sup>52</sup> trazida pela mesma / moda que reviveu o gosto da architectura / gothica. – O Murphy*

45. Na Coleção Futscher Pereira constam vários mss. contendo romances históricos sobre a história portuguesa oriundos, de entre outras fontes, do *Romancero general* de 1602. Estes textos, que narram episódios da época da monarquia dual mas não só, com o claro intuito de legitimar a situação política de Portugal nesse período, bem como transmitir uma sensação de que o processo se desenrolava de forma pacífica e amistosa entre as duas nações, são vertidos por Garrett para português. Esta tradução pretende, pois, enfatizar e enaltecer a perspectiva portuguesa dos acontecimentos históricos (exs: *Romance do juramento d' El-rei Dom Philippe, Romance de D. Francisco de Almeida*, etc).
46. Crítica ao estilo barroco dos romances novos, tão afastado da retórica própria do romance tradicional que Garrett dominava.
47. Refere-se Garrett ao romance da autoria de Sebastião da Fonseca, fixado na *Relaçam / dedicada A Sereníssima Senhora / Rainha da Gram / Bretanha / da / Jornada / que fes de Lixboa the / Port-ts Mouth / Pelo P. Sebastião da Fonseca...*, / Londres. / Na Officina de F. Martin / Anno 1662.
48. Começa a meio da linha.
49. A observação do ms., parece indicar que esta nota, aparentemente deslocada, é uma "muleta" de memória para a redacção do conteúdo do "Livro VII", como assunto a inserir nesse apartado, o que efectivamente veio a suceder. A alusão aos migrados franceses do registo de Montemor deve reportar-se, quase de certeza, a informação facultada por Eloy Nunes Cardoso, de Montemor-o-Novo, que Garrett nomeia na [Introdução] ao *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, p. XVII.
50. Garrett fala da sua própria obra poética. Nomeadamente refere-se aos poemas *Camões* (1825) e *Dona Branca* (1826), primeiros tentames de revalidação poética de assuntos ou ambientes da História Portuguesa, como se sabe.
51. Duas cantigas narrativas. A *Cantiga da freira* consta, em duas redacções autógrafas, da Coleção manuscrita Futscher Pereira. Garrett crê, segundo no-lo afirma numa das redacções da *Cantiga da freira*, que estes textos são de composição bastante recente, motivo pelo qual os insere na última fase da História da Poesia Portuguesa (Livro VII).
52. Renascença empreendida por ele próprio no *Romanceiro e Cancioneiro Geral* que adquire este subtítulo em 1853, já antes previsto no plano editorial de 1851 como "Romances da Renascença, imitações, reconstrucções e estudos meus sobre o antigo", segundo já aqui se comentou.

publica a / Batalha<sup>53</sup>, Lord Stuard [sic] o Cancioneiro<sup>54</sup>. – os / Portuguezes entram a / \*correr/ em ambas as / arias [sic]. Restauração do genero popular. // Influencia de Sir W. Sckott [sic] [,] de Monk e de Bürger<sup>55</sup> – Os hespanhoes ainda / acordam depois de nós apezar de / que os Allemães trabalharam por / elles e com elles<sup>56</sup> – Collecções de / Duran – Deeping [sic]<sup>57</sup> – O Duque de Riba [sic] e o Moro Esposito [sic]<sup>58</sup>. – Grammatica alleman onde vem / as cantigas da Serra d' estrella. – / – Mr. Renouard [sic]<sup>59</sup> e os seus trabalhos / sobre a lingua provençal – / Bouterveck e

53. James Murphy (1760-1814), viajante e escritor irlandês, viveu uma temporada em Portugal (entre 1789 e 1790), tendo passado treze semanas no Mosteiro da Batalha preenchidas a medir e desenhar o edifício. De regresso ao país natal, prepara a publicação dos seus trabalhos de campo, que faz acompanhar de uma introdução teórica sobre a arquitectura gótica. A obra em causa, publicada em fascículos entre 1792 e 1795, intitulava-se *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha*. Publicou, ainda em 1795, *Travels in Portugal*, diário da viagem a este país (vide, por exemplo, a informação contida na página Web do Mosteiro da Batalha: <http://www.mosteirobatalha.pt/pt/index.php?s=white&pid=255>).
54. Refere-se, indubitavelmente, ao Cancioneiro do Colégio dos Nobres (Cancioneiro da Ajuda), pela primeira vez editado por Charles Stuart (1779-1845), numa edição quase privada, de 25 exemplares (Charles Stuart de Rothesay, *Fragmentos de hum Cancioneiro Inédito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, Em Paris, no Paço de Sua Magestade Britânica, 1823). Não têm cessado as vozes que se insurgem contra a qualidade desta edição, única que Garrett conheceu. Aliás, já nos textos teóricos em que nomeia o trabalho de Stuart não se coíbe Garrett de apontar o dedo ao deficiente rigor pelo qual ela se pauta.
55. Garrett indica três influências internacionais fulcrais para o programa romântico por ele proposto para a literatura portuguesa. A colectânea de baladas de Sir Walter Scott (*Minstrelsy of the Scottish Border*, de 1802) exerce uma reconhecida e bem estudada influência sobre Garrett na construção da ideia de revitalização da poesia narrativa oral portuguesa, bem como exerceram os trabalhos poéticos do alemão Bürger (1747-1794). Já a referência a "Monk" não remete para o domínio da balada, mas, segundo creio, trata-se do título da célebre novela gótica de Mathew Lewis (dada à estampa em 1796), pega maior da imagética gótica que viria a repercutir-se sobre o imaginário romântico ou ultra-romântico.
56. Este ressentimento de Garrett aparece desenvolvido na prosa da "Introdução" ao *Romanceiro*, II, de 1851. Interessava, ao seu programa poético, insistir nesta ideia para desculpar a pobre expressão do romanceiro na literatura portuguesa quando comparada com a espanhola.
57. Ch. B. Depping foi o responsável pela obra *Sammlung der besten alten spanischen Historichen, Ritter – und Maurischen Romanzen*, Altenburg und Leipzig, F. A. Brockhans, 1817, que incluía romances espanhóis de diferentes estilos, como se pode subentender a partir do título do livro. Esta mesma edição aparece incluída no inventário manuscrito de Almeida Garrett *Livros e codices que se consultaram para o romanceiro*, a par de *Una colleccion de romances españoles recopilados y arreglados por Ch. B. Depping*. É este um dos alemães que Garrett culpabiliza pelo apoio prestado à divulgação do romanceiro espanhol.
58. *El moro expósito, ó, Córdoba y Burgos en el siglo décimo. Leyenda en doce romances. En un apéndice se añaden La Florinda y algunas otras composiciones inéditas del mismo autor*, 2 vols., Paris, Libreria Hispano-Americana de la Calle Richelieu, 1834 narra a lenda dos Infantes de Lara, obra iniciada em 1829, um ano volvido sob a publicação de *Adozinda*, por Garrett, cuja "Carta" a Duarte Lessa o poeta espanhol cita. Junta-se, a este título, que marca o "renascimento" da publicação de romances em Espanha (pese embora o facto de que o Duque seguisse ainda o metro decassílabo), os *Romances históricos*, publicados simultaneamente em Paris, Librería de don Vicente Salvá, e em Madrid, Imprenta de don Vicente de Lalama, 1841, pelo mesmo autor espanhol.
59. A François-Juste-Marie Raynouard (1761-1836) dedica Garrett um lugar especial na sua prosa teórica quando discorre sobre a História da Literatura e Língua Portuguesas, como faz nas "Introduções" ao *Romanceiro*, por exemplo. Este erudito granjeou fama, na época, pelo sério estudo filológico da língua e literatura provençais que levou a cabo.

*Sismondi<sup>60</sup> – Reco-/pilação de Ochoa em Paris<sup>61</sup>. – Sensaborias do Ferdinand Deniz<sup>62</sup> / que anda pela /"corda/ em tudo isto. – Trabalhos, divisão / e teorias de Fauriel<sup>63</sup>. //*

*Observações<sup>64</sup>*

*Nos romances tradicionais faltam quasi sempre o / texto ou dizer do narrador – o que é substituído em / prosa por ["então disse-le ele["] etc / Chacara<sup>65</sup>? Que aucto-ridade tem a palavra? / Alguns collectores castelhanos <†> / poseram muito do seu em ornatos / e ligação das fallas etc. / <As>/Os\ romances trasladados de prosa / para verso são mais ligados[,] / mais prolixos nas descrições / e miudos: conhece-se que não / são a coisa para cantos.*

- 
60. Friedrich Bouterwek (1766-1828) foi um filósofo e filólogo alemão que se interessou também por historiar as literaturas ibéricas, tema a que dedica obra escrita. A Garrett interessavam particularmente os seus postulados referentes à História da Literatura Portuguesa e Espanhola, que deve ter conhecido ainda durante o exílio em Inglaterra. Cf. Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Literature*, In two volumes, translated from the Original German, London, Boosey and Sons, 1823 (o segundo volume é dedicado à literatura portuguesa). Jean Charles Léonard de Sismondi (1773-1842) foi um historiador suíço com obra destacada sobre a História de França e de Itália. Foi também o autor de *Littérature du midi de l'Europe*, de 1813. Garrett discute, quando problematiza a poesia trovadoresca provençal, o trabalho de Sismondi, confrontando-o com o de Raynouard.
61. Garrett conhece já por esta altura o *Tesoro de los romanceros y cancioneros españoles*, dada à estampa, como já se disse, em 1838.
62. Ferdinand Denis (1798-1890) historiador e viajante pela América do Sul, publicou vasta obra sobre o Brasil e também sobre Portugal, por onde também passou. Foi um dos responsáveis pela criação do nacionalismo literário brasileiro, à luz dos seus estudos sobre a História do Brasil e da Literatura Brasileira. De 1826 data o *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*, onde constata a separação das duas literaturas.
63. Claude Charles Fauriel (1772-1844) foi um historiador, filólogo e crítico, pertencente ao círculo de Mme. de Staël, que estudou igualmente a literatura medieval francesa e provençal, bem como alguns aspectos da literatura medieval popular.
64. Entramos na última página do ms., a qual corresponde a um fólio isolado integrado neste conjunto, segundo encontrei na primeira visita que fiz a esta colecção documental. Não se pode descartar, no entanto, que estas "Observações" pertencessem a outro conjunto de anotações de Garrett sobre o romanceiro, pois rompe-se o fio condutor relativamente à elaboração de um plano de edição relacionado com a História da Literatura, que é o assunto deste ms. Não deixa de causar assombro, no entanto, como são estas nótulas reveladoras da fina intuição que Almeida Garrett detinha acerca do funcionamento do romanceiro tradicional, antecipando algumas reflexões teóricas que só viriam a ser sistematizadas por Menéndez Pidal, já no século XX.
65. Sublinhado do original.